

Vazio Existencial e Violência: Compreendendo a Permanência de Mulheres em Relacionamentos Abusivos.

Existential Vacuum And Violence: Understanding The Persistence of Women in Abusive Relationships.

Uilson da Silva Junior

<http://lattes.cnpq.br/5922966025690245>

Reginaldo Baptista Ferreira

<http://lattes.cnpq.br/5309915888670364>

Resumo:

A permanência em relacionamentos violentos constitui um dos maiores desafios para a proteção das mulheres no Brasil. Este estudo buscou compreender os fatores psicológicos, socioeconômicos e existenciais que explicam essa permanência, articulando dados reais e a perspectiva da Logoterapia de Viktor Frankl. Foi realizado um estudo transversal, descritivo e analítico, a partir do protocolo de acolhimento da 6ª Delegacia de Defesa da Mulher (6ª DDM), localizada no bairro de Santo Amaro, na zona sul da cidade de São Paulo, com amostra de 41 mulheres atendidas entre fevereiro e março de 2025. Os resultados evidenciaram que a maior parte das mulheres convivia com a violência por anos, frequentemente em relações com parceiros íntimos, sem ter buscado ajuda anterior. O isolamento social, a dependência econômica, a presença dos filhos e o medo de retaliação emergiram como barreiras centrais para a ruptura. Sob a lente da Logoterapia, observou-se que a manipulação psicológica e a perda da “vontade de sentido” favorecem a instalação de um vazio existencial que aprisiona a mulher em uma “prisão sem grades”. Conclui-se que intervenções eficazes devem ir além da proteção legal, incluindo estratégias psicossociais e existenciais que fortaleçam a autonomia e o resgate de sentido das vítimas. Os achados reforçam a necessidade de políticas públicas integradas e protocolos de acolhimento que considerem o tempo de exposição à violência como um marcador de risco.

Palavras-chave: Violência de gênero; permanência; logoterapia; sentido da vida; dependência.

Abstract:

The persistence in violent relationships constitutes one of the greatest challenges for the protection of women in Brazil. This study aimed to understand the psychological, socioeconomic, and existential factors that explain such persistence, articulating real-world data with the perspective of Viktor Frankl's Logotherapy. A cross-sectional, descriptive, and analytical study was conducted based on the reception protocol of the 6th Women's Defense Police Station, located in the Santo Amaro neighborhood in the southern zone of São Paulo city, with a sample of 41 women assisted between February and March 2025. The results showed that most women had been living with violence for years, often in relationships with intimate partners, without having previously sought help. Social isolation, economic dependence, the presence of children, and fear of retaliation emerged as central barriers to leaving the abusive relationship. From the perspective of Logotherapy, it was observed that psychological manipulation and the loss of the "will to meaning" foster the development of an existential void that imprisons women in a "prison without bars." It is concluded that effective interventions must go beyond legal protection, including psychosocial and existential strategies that strengthen autonomy and the restoration of meaning in victims' lives. The findings reinforce the need for integrated public policies and reception protocols that consider the duration of exposure to violence as a risk marker.

Keywords: Gender-based violence; persistence; logotherapy; meaning of life; dependence.

Introdução

A Violência Por Parceiro Íntimo (VPI) é uma das formas mais prevalentes de violência de gênero. No contexto brasileiro, a VPI constitui uma grave violação de direitos humanos e um desafio persistente para a saúde pública e a justiça social. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025) aponta que, em 2024, 1.492 mulheres foram vítimas de feminicídio, o que representa uma média de quatro mortes por dia e um aumento de 0,7% em relação a 2023. Embora os recursos de proteção tenham avançado, um dos aspectos mais críticos não é apenas o início da violência, mas a permanência prolongada da mulher nesse ciclo.

Walker (1979) descreveu o "ciclo da violência", apontando que fases de tensão, agressão e reconciliação favorecem a manutenção da relação abusiva. Pesquisas posteriores confirmam

que a dependência emocional, a vulnerabilidade econômica e a ausência de rede de apoio são barreiras importantes à ruptura (Saffioti, 2004). No Brasil, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025) revelou que, embora o número de medidas protetivas tenha aumentado, muitas mulheres seguem expostas à violência por longos períodos, refletindo falhas na proteção integral.

Este estudo, portanto, busca responder à seguinte questão: Como a intersecção de fatores socioeconômicos, psicológicos e existenciais, sob a perspectiva da Logoterapia, contribui para a permanência de mulheres em relacionamentos violentos? Para isso, o artigo aprofunda essa compreensão, examinando fatores que contribuem para a permanência em um ciclo de violência, integrando dados experimentais de um campo de pesquisa, na 6ª DDM, com aportes da Logoterapia de Viktor Frankl, com especial atenção ao papel dos filhos na decisão da vítima.

A Prisão Invisível e a Busca por Sentido

A permanência em um relacionamento violento pode ser compreendida como uma “prisão invisível”: a mulher não está fisicamente impedida de sair, mas encontra-se retida por mecanismos de controle que atuam em níveis psicológicos, emocionais e materiais (Dutton & Painter, 1993). Essa prisão simbólica é sustentada por diferentes dinâmicas, como o ciclo da violência descrito por Walker (1979), em que fases de agressão são seguidas por reconciliação, criando esperança ilusória de mudança; pelo fenômeno do trauma-bonding, ou vínculo traumático, em que a alternância entre abuso e afeto reforça o apego ao agressor; e pela manipulação psicológica, que progressivamente fragiliza a autoestima da vítima e reduz sua capacidade de se perceber como sujeito ativo de sua própria vida.

A Logoterapia oferece uma lente profunda para compreender esse processo. Para Frankl (1985), a principal força motivadora do ser humano é a “vontade de sentido”. Quando essa vontade é frustrada, instala-se um vazio existencial, caracterizado por desesperança e perda de propósito. Em relações abusivas, o agressor mina esse sentido, substituindo-o por narrativas distorcidas. O propósito de vida da vítima é reduzido à sobrevivência ou à manutenção da família a qualquer custo, obscurecendo sua capacidade de enxergar outras possibilidades.

Frankl (1985, p. 109) afirmou que “o ser humano pode preservar um vestígio de liberdade

espiritual, de independência mental, mesmo nas piores circunstâncias”. Contudo, o abuso prolongado enfraquece essa capacidade de escolha, obscurecendo a liberdade interior. Esse aprisionamento existencial explica por que muitas vítimas permanecem na violência, mesmo quando há recursos externos disponíveis, pois sua "vontade de sentido" é progressivamente corroída.

Metodologia

A pesquisa adotou um delineamento transversal, descritivo e analítico, com base no protocolo de acolhimento da 6ª DDM. Foram analisados 41 atendimentos realizados entre fevereiro e março de 2025.

- **Critérios de inclusão:** mulheres maiores de 18 anos atendidas na unidade por situações de violência de gênero. **Critérios de exclusão:** registros incompletos ou casos sem caracterização de violência de parceiro íntimo.
- **As variáveis analisadas incluíram:** tempo de exposição à violência, perfil do agressor, situação de trabalho, renda, moradia, presença de filhos, busca prévia de ajuda, tipos de violência sofrida, uso de medicação contínua e percepção de rede de apoio.
- **Limitações:** por se tratar de amostra reduzida e restrita a uma delegacia, os dados não podem ser generalizados, mas servem como indicador relevante para compreender dinâmicas locais e subsidiar políticas públicas.

Fatores Contribuintes para a Permanência: Dados da 6ª DDM e Comparações Externas

A análise de dados do protocolo de acolhimento da 6ª DDM, realizada como um estudo transversal descritivo-analítico, corrobora e ilumina diversos fatores que, em conjunto com as dimensões logoterapêuticas, explicam a permanência.

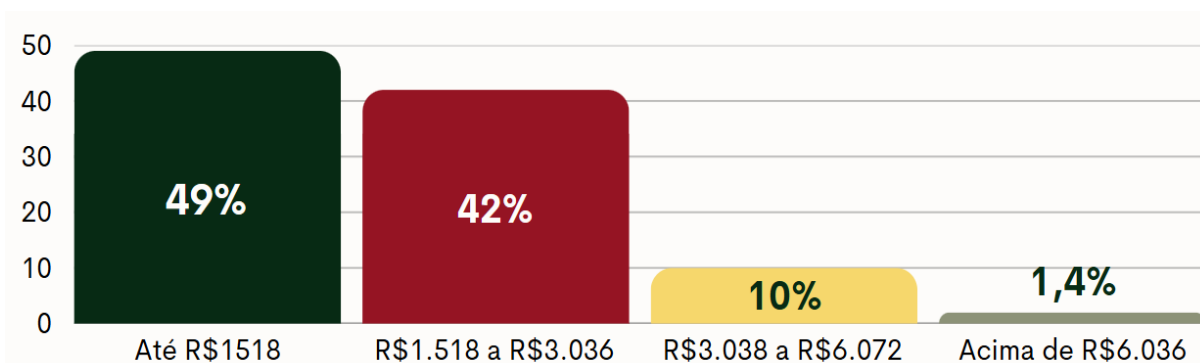
Dependência Socioeconômica

A vulnerabilidade econômica emerge como um fator preponderante para a permanência.

Pesquisas brasileiras indicam consistentemente que a dependência financeira é uma das principais barreiras para que mulheres abandonem relacionamentos abusivos (IPEA, 2022). A pesquisa reflete essa realidade:

- **Situação de Trabalho:** Uma parcela significativa das vítimas apresentava alta vulnerabilidade no mercado de trabalho. Somente 29% possuíam registro profissional, enquanto 41% (Desempregada, Dona de Casa, Recebe auxílio do governo) se encontravam em situações de alta dependência econômica.
- **Renda Mensal Familiar:** A fragilidade financeira é acentuada pelos dados de renda, onde 49% das vítimas tinham renda familiar de "até R\$1.518" e 42% entre "R\$1.518 a R\$3.036". Isso significa que 91% das vítimas viviam com até dois salários mínimos na época do estudo, tornando extremamente difícil a subsistência independente ou a busca por alternativas de moradia.

Gráfico 01: Renda mensal familiar das vítimas:



Fonte: Protocolo de acolhimento na 6ª DDM de SP.

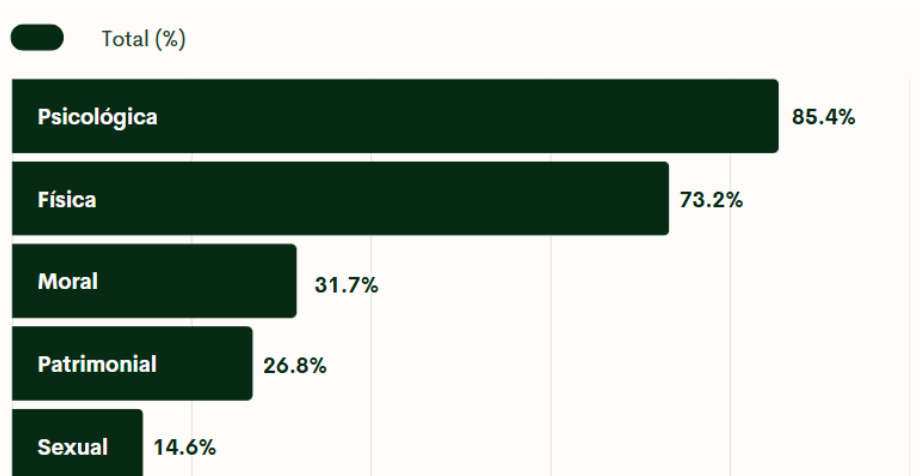
Violência Psicológica e Adoecimento Psíquico

A Logoterapia enfatiza a importância de encontrar sentido e propósito. A violência psicológica, amplamente presente nos protocolos de acolhimento, ataca diretamente essa dimensão, culminando em adoecimento psíquico.

- **Tipos de Violência:** A violência "Psicológica" foi a mais prevalente (85,4%), seguida pela "Física" (73,2%) e "Moral" (31,7%). A contínua desvalorização, humilhação e controle mental inerentes à violência psicológica corroem a autoestima, a autoconfiança e a

capacidade de decisão da vítima. Como aponta Minayo (2006, p. 46), “a violência psicológica é a mais recorrente forma de agressão sofrida pelas mulheres e, por ser menos visível, tende a ser naturalizada, produzindo efeitos devastadores na autoestima, autonomia e capacidade de decisão”. Tal processo cria um vazio existencial, em que a vítima passa a duvidar de sua própria percepção da realidade e torna-se cada vez mais dependente da narrativa do agressor.

Gráfico 02: Tipos de violência sofridos pelas vítimas



Fonte: Protocolo de acolhimento na 6ª DDM de SP.

- **Uso de Medicação Contínua:** Um dado relevante que corrobora o adoecimento psíquico é que 48% das vítimas faziam "uso contínuo de medicação para insônia, ansiedade e depressão", um achado que dialoga com a literatura internacional que associa a exposição à violência a problemas de saúde mental (Teixeira et al., 2021; University of Glasgow, 2025).

Isolamento Social e Falta de Apoio

O isolamento é uma tática comum de agressores, visando cortar os laços de apoio da vítima e, conseqüentemente, sua capacidade de pedir ajuda ou de conceber uma vida fora do abuso.

- **Nível de Apoio Social:** A pesquisa revela que 44% das vítimas "Se sente sozinha", um dado alarmante que sublinha o impacto do isolamento. A ausência de uma rede de apoio robusta reduz significativamente as chances de saída do ciclo de violência, pois as vítimas

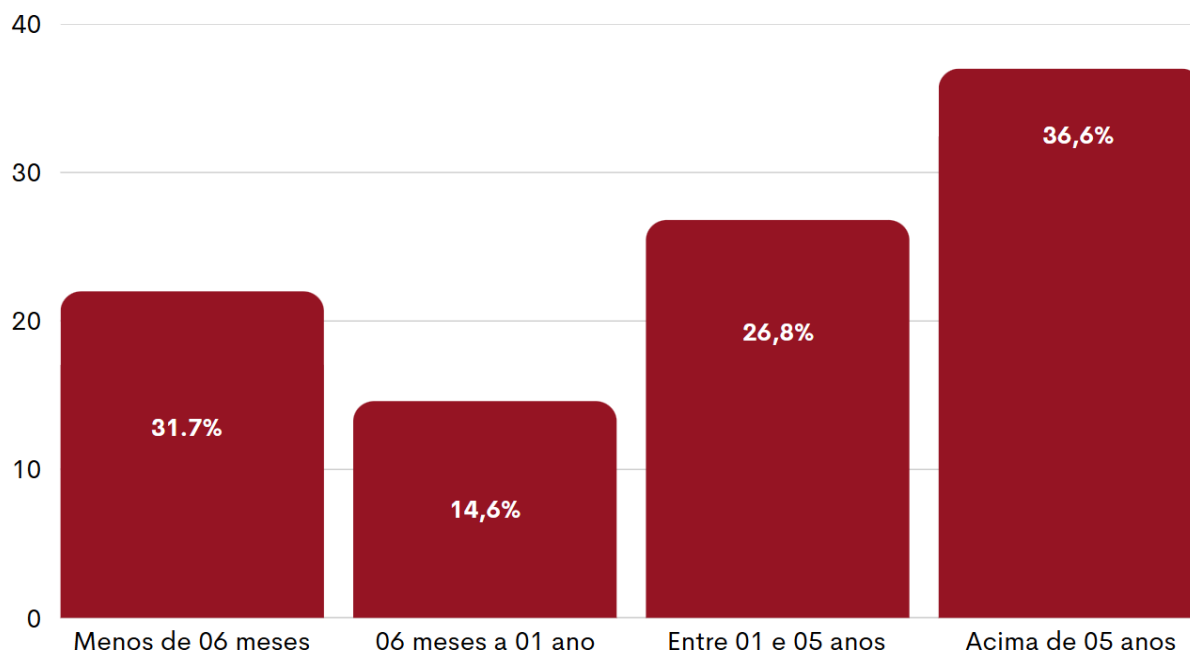
não têm a quem recorrer para auxílio prático ou emocional, reforçando a sensação de desamparo e desespero.

- O sentimento de isolamento foi relatado por 44% das vítimas, esse achado dialoga com pesquisas brasileiras que apontam a ausência de rede de apoio como um dos principais fatores de permanência em relações abusivas. Como destacam Schraiber et al. (2007, p. 112), “a ausência de rede de apoio social e familiar constitui uma das principais razões para a manutenção da mulher em situação de violência, pois fragiliza sua capacidade de reação e aumenta a dependência emocional em relação ao agressor”.

Ciclo de violência, dependência relacional e o papel dos filhos

Muitas vítimas permanecem no relacionamento devido à esperança de que o agressor mudará, ou pela crença de que seu "investimento" no relacionamento (tempo, filhos) justifica a permanência.

- **Tempo de violência:** Os dados da pesquisa mostram que a violência é um fenômeno de longa duração para muitas: 26,8% conviviam com violência havia 1–5 anos, e 36,6% há mais de 5 anos. Isso significa que 63,2% das vítimas permaneceram no ciclo de violência por mais de um ano, indicando a força da esperança de mudança, a complexidade do desengajamento e o "investimento" de vida na relação.

Gráfico 03: Tempo de violência

Fonte: Protocolo de acolhimento na 6ª DDM de SP.

- **O Impacto dos filhos:** A presença de filhos mostrou-se um fator crucial: 88% das vítimas possuíam filhos, e 63% residiam com eles. Esse dado dialoga com levantamentos internacionais. O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2023, p. 19) evidencia que muitas mulheres permanecem em relações abusivas pela preocupação com os filhos, seja pelo medo de retaliação contra eles, seja pela insegurança quanto à capacidade de prover sozinhas. O agressor, muitas vezes, utiliza as crianças como instrumento de controle, perpetuando o ciclo de violência e dificultando a ruptura. A “vontade de sentido” da mulher pode se manifestar paradoxalmente no desejo de proteger os filhos, mesmo que isso signifique sacrificar sua própria liberdade e segurança.

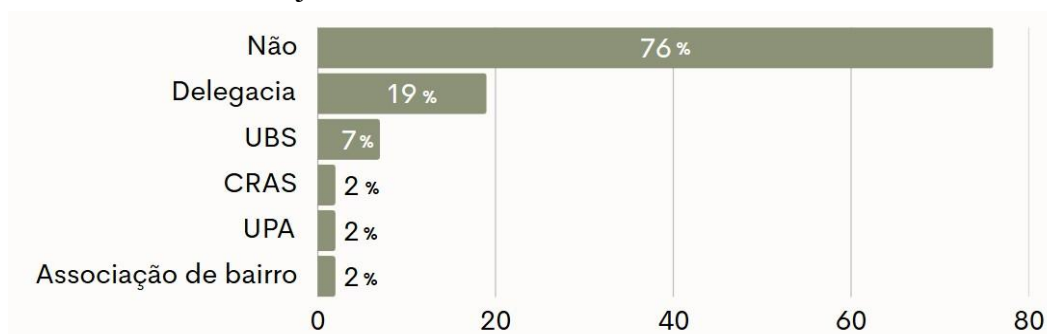
Barreiras para buscar ajuda e o medo de retaliação

O medo de retaliação e a falta de confiança nas instituições ou no processo de ajuda podem ser barreiras significativas para a saída do relacionamento.

- **Busca por ajuda anterior:** O dado mais contundente da pesquisa é que 76% das vítimas "Não" procuraram ajuda antes por conta da violência. Isso aponta para um profundo silêncio e uma barreira massiva na busca por apoio formal.

- **Boletim de ocorrência e medida protetiva:** 22% das vítimas tinham "Boletim de Ocorrência" e meros 12% possuíam "Medida Protetiva". A baixa proporção de formalização da denúncia e de proteção legal reflete o medo, a desinformação, a revitimização institucional ou a percepção de ineficácia do sistema, contribuindo para a manutenção do estado atual de violência. O Atlas da Violência (IPEA, 2019, p. 37) já havia demonstrado que “o medo de represálias e a falta de confiança na eficácia dos serviços públicos constituem barreiras centrais para a denúncia”.

Gráfico 04: Busca de ajuda anterior em casos de violência



Fonte: Protocolo de acolhimento na 6ª DDM de SP.

Discussão

A permanência em relacionamentos violentos resulta de uma teia de fatores interligados. Os dados da 6ª DDM mostram que 63,2% das mulheres conviviam com violência havia mais de um ano, confirmando achados de estudos nacionais. Segundo Schraiber et al. (2007), quase um terço das brasileiras em situação de violência permanecem com o agressor por mais de cinco anos, principalmente pela dependência econômica e pelo impacto da maternidade.

A violência psicológica, presente em 85,4% dos casos, foi a mais prevalente. Como afirma Minayo (2006), “a violência psicológica é capaz de corroer silenciosamente a subjetividade, produzindo danos tão ou mais graves que a violência física”. Essa corrosão do sentido de vida conecta-se diretamente ao vazio existencial frankliano, reforçando a dificuldade de ruptura.

Outro ponto crucial é a maternidade: 88% das vítimas tinham filhos, e 63% residiam com eles. Para muitas mulheres, a proteção da prole é vista como prioridade, ainda que à custa de sua própria integridade (ONU Mulheres, 2024). Essa “vontade de sentido” vinculada aos filhos pode, paradoxalmente, aprisionar a mulher no ciclo da violência, mostrando como a busca por

sentido pode ser distorcida em contextos abusivos.

O isolamento social, relatado por 44% das vítimas, reforça a dependência emocional. Saffioti (2004) já apontava que a violência de gênero opera também pelo isolamento, impedindo a mulher de acessar redes de solidariedade. Associado ao uso contínuo de medicação (48%), observa-se um quadro de adoecimento psíquico que limita ainda mais a agência das vítimas.

Considerações Finais

A permanência em relacionamentos violentos não deve ser interpretada como um fenômeno de passividade da vítima, mas sim como o resultado de uma complexa interseção de fatores estruturais, psicológicos e existenciais que, em conjunto, criam uma realidade análoga a uma "prisão sem grades". A vulnerabilidade socioeconômica, o abuso psicológico, a presença de filhos, o isolamento social e a desconfiança nas instituições de apoio são elementos que restringem a capacidade de ação da vítima, tornando a saída do ciclo de violência uma tarefa de proporções avassaladoras.

A análise sob a perspectiva da Logoterapia revela uma dimensão ainda mais profunda e sutil dessa dinâmica. O agressor, de forma calculada e desleal, atua na esfera mais íntima da vítima, minando seu sentido de vida e sua percepção de valor próprio. Ao ser constantemente deslegitimada e isolada, a vítima é lançada em um vazio existencial profundo. Essa ausência de propósito e de significado próprio atua como um obstáculo poderoso, uma barreira invisível que a impede de vislumbrar um futuro fora daquela relação. Nesse contexto, a reconstrução da "vontade de sentido" não é apenas um aspecto terapêutico, mas um elemento central para a libertação e para a recuperação da autonomia.

Para efetivamente combater a cronificação da violência, é inegável que os protocolos de acolhimento adotem uma abordagem integral. A resposta deve ser multidimensional, integrando de forma coesa a proteção jurídica, o atendimento psicossocial e o acompanhamento em saúde mental. Além disso, o fortalecimento de redes de apoio e a implementação de políticas públicas específicas são fundamentais para criar um ecossistema de segurança e suporte que valide e encoraje a saída do ciclo de violência.

Em última análise, o combate à violência contra a mulher transcende a mera garantia de direitos e a segurança física. Ele exige o auxílio na reconstrução da sua liberdade interior e do seu sentido de vida, permitindo que a "vontade de sentido" prevaleça sobre a opressão da "prisão sem grades".

Referências Bibliográficas

- DUTTON, Mary Ann; PAINTER, Susan L. Traumatic bonding: The development of emotional attachments in battered women and other relationships of intermittent abuse. **Violence and Victims**, New York, v. 8, n. 2, p. 139–155, 1993.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025, 420 p.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, 156 p.
- FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, 184 p.
- FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Situação da População Mundial 2023: 8 bilhões de vidas, infinitas possibilidades**. Nova York: UNFPA, 2023, 152 p.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2019**. 1. ed. Brasília: Ipea, 2019, 93 p.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dependência econômica e violência doméstica conjugal no Brasil**. 1. ed. Brasília: Ipea, 2022, 58 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra a mulher: um desafio para a saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 863–870, abr. 2006.
- ONU MULHERES. **Progressos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: o panorama de gênero 2024**. Nova York: ONU Mulheres, 2024, 198 p.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 192 p.
- SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires de L.; FRANÇA-JUNIOR, Ivan. Violência contra a mulher: estudo em 15 capitais brasileiras e no Distrito Federal. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 110–117, abr. 2007.
- TEIXEIRA, Juliana M. S. et al. Violência contra a mulher e adoecimento mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. e310204, jun. 2021.

UNIVERSITY OF GLASGOW. Domestic violence and long-term mental and brain health outcomes. **BMJ Mental Health**, Londres, v. 28, n. 1, p. e001389, jan. 2025.

WALKER, Lenore E. **The battered woman**. 1. ed. New York: Harper & Row, 1979, 300 p.